

# O ESTRANGEIRO RADICAL – REFLEXÕES PRELIMINARES ACERCA DA ESTRANGEIRIDADE, HOSPITALIDADE E DIFERENÇA A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA CRÍTICO-PSICANALÍTICA

Francisco Carlos dos Santos Filho (PPGEDU/UPF/PROJETO)

Cláudia Concolato (PPGA/UFRGS/PROJETO)

Luciana Oltramari Cezar (PPGEDU/UPF/PROJETO)

Tatiana Gassen Rodrigues (ATITUS Educação/PROJETO)

Andrea Poletto Oltramari (PPGA/UFRGS/SOCIUS/ISEG/ULisboa)

Somos um grupo de pesquisadores plurais que deseja sustentar um diálogo entre os estudos sobre migração e seus efeitos na subjetividade humana. Assim, para a proposta da comunicação, temos duas linhas de problematização, tomando como referência central o texto freudiano sobre o infamiliar e a perspectiva psicanalítica sobre a questão do estrangeiro, para depois estabelecer um diálogo com a abordagem do tema realizada por Derrida, Bauman e Byung-Chul Han. O objetivo é articular uma reflexão que permita examinar a questão da recepção do estrangeiro e do diferente como problema constitutivo do humano, assim como o rechaço ou a indiferença frente a ele. Como contraponto a esse destino sempre possível está a hospitalidade que, dando lugar à alteridade, surge como modo de enfrentamento do ódio e da indiferença. Conforme Derrida (2003), o estrangeiro tinha lugar e direitos, persistindo desejo em conhecê-lo em sua diferença. Entretanto há sutilezas e tensões sempre presentes, indicando tanto sentimentos de admiração pelo estrangeiro, quanto de perturbação pela sua presença. Pensamos a admiração e o incômodo como modos do ser humano lidar com o estrangeiro, bases essas também apropriadas pelas discussões sobre interculturalidade (Feitas, 2008). Esse é exatamente o ponto sobre o qual Freud (1919) faz incidir o problema nuclear do texto sobre o infamiliar: uma inquietante estranheza proveniente de algo que está dentro, perto, que conhecemos bem, mas que começamos a estranhar com receio e angústia. Desde a perspectiva psicanalítica, a estrangeiridade está configurada na própria gênese do humano. Para Freud (1919) o estrangeiro é, antes de tudo, um estrangeiro interno, o desconhecido, o inconsciente, que, ao revelar-se através de suas formações – sintomas, atos falhos, sonhos, humor – provoca um efeito de ruptura discursiva e estranhamento, fazendo emergir um fragmento de verdade do sujeito. Conviver com o estrangeiro é lidar constantemente com a estranheza que ameaça e que convoca um inesgotável trabalho psíquico na direção da tolerância ao conflito e à desconfiança. A questão da estrangeiridade adquire renovados significados sociais a cada crise que envolve conflitos de distintos países e ondas de violência que provocam êxodos e movimentos migratórios.

## Referências

Derrida, J. Dufourmantelle, A. (2003). *Da hospitalidade*. São Paulo: Escuta.

Freitas, Maria Ester. (2008). O imperativo cultural na vida e na gestão contemporânea. *Organizações e Sociedade*, vol. 15, n. 45, abril/junho, p. 79-89.

Freud, Sigmund. *O infamiliar* (1919). In: *Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

